

Sonhos de véspera

A maré vazante que derrubou os índices de popularidade do presidente Fernando Henrique Cardoso, esburacando previsões de vitória fácil, favaς contadas no balaio da certeza, e no primeiro turno, excitou especulações que chegaram ao delírio nas duas bandas da provável polarização com os desmaiados tons ideológicos.

No primeiro embalo, antes do prudente encolhimento tático, Lula aqueceu a euforia à fervura de anunciar sua eleição na primeira rodada, com mais da metade dos votos válidos da exigência constitucional.

Balançado com o susto do alto da prosápia, o candidato à reeleição acusou o tombo, despencando da arrogância ao duro cimento da realidade e refazendo as contas para a modéstia de conformar-se com a hipótese de decidir a parada com Lula no segundo turno.

Ora, como exercício gratuito, para espantar o medo ou abanar esperanças, previsões eleitorais antes do início da campanha para valer, quando ela engatinha nas preliminares, ajudam a animar conversas vadias. Distraem ócios das sonolentas sessões da Câmara na recente temporada de absolvição, por atacado, do lote de deputados envolvidos em crimes comuns, como tentativa de achaque a empreiteira, aluguel do mandato, venda do voto e outras maroteiras. Mas, daí não passam e nem podem ser levadas a sério.

Certamente o presidente tem boas razões para estar apreensivo. Sorrisos e pronunciamentos otimistas não mascaram a onda de pânico que agita as águas mansas do lago artificial de Paranoá. A roda dos aliados gira em velocidade nervosa, esfalfa-se em reuniões que varrem as madrugadas para a avaliação dos muitos erros cometidos e as sugestões corretivas.

O presidente-candidato paga a conta com os juroς da qualidade dos credores: o PTB comunicou, em nota solene, a disposição de retirar o apoio à reeleição e vender seu peixe em outra freguesia. São as regras do mercado... Quem semeia vento, colhe tempestade — ensinam os experientes. E Fernando Henrique abriu muitas frentes de atrito, brigou a torto e à direita, distribuindo tapas às cegas. Rompeu com os servidores públicos civis com salários congelados desde janeiro de 95; indisps-se com os aposentados; chegou tarde e desembarcou mal no incêndio de Roraima; custou a divulgar as medidas de emergência para enfrentar a anunciada seca no Nordeste; não consegue convencer a sociedade que está cuidando e fazendo o possível na área social. É preciso mais?

Mas, se é fácil entender as advertências do eleitorado na reviravolta das pesquisas, convém parar por aí, até onde é possível enxergar no nevoeiro.

A campanha mal começou e será interrompida pela Copa do Mundo, quando todos padeceremos de outros e mais sérios sobressaltos. Impossível antever em que ponto exato ela reiniciará, em meados de julho, depois das convenções partidárias que definirão o quadro das candidaturas.

Pela lei, campanha só pode começar a 6 de julho, findo o prazo para o registro de candidatos. O horário de propaganda no rádio e TV promete eletrizar o país com o habitual desfile de atrações de 18 de agosto a 1º de outubro, três dias antes da eleição.

E é aí e só então que as pesquisas anteciparão as tendências decisivas do eleitor na reta da urna. Com uma, duas semanas de horário eleitoral já se terá o flagrante do resultado final. E com margem de erro.

Só para refrescar a memória: na campanha de 89, Collor de Melo partiu de 3%, chegou a 44% em agosto e durante três meses e meio galopou acima da maioria absoluta. Com largá folga. Nos últimos dois meses caiu de 44% das intenções de voto aos 28,52% da sua classificação no primeiro turno para decidir no mano a mano com Lula, no segundo turno.

O candidato ao bis pode arquivar a tolice de programar vitória no primeiro turno sem combinar com o eleitor. E Lula revela maturidade e bom senso ao conter os excessos dos que cantam vitória antes da hora.

Certo mesmo é que eleição não se ganha na véspera. Perde-se, às vezes.